

TEOLOGIA BÍBLICA E TEOLOGIA SISTEMÁTICA: UM DIÁLOGO CRÍTICO

BIBLICAL THEOLOGY AND SYSTEMATIC THEOLOGY: A CRITICISM DIALOGUE

José Carlos de Lima Costa*
Samuel Marques Campos**

RESUMO: *Por cerca de dois séculos têm sido feitas, por parte de teólogos bíblicos, críticas sobre a pertinência da disciplina “Teologia Sistemática”, devido a práticas metodológicas questionáveis de alguns teólogos. As principais críticas estão relacionadas à abordagem que muitos teólogos sistemáticos empregam, demonstrando fragilidades exegéticas em suas sistematizações. Mediante o exposto, este artigo visa introduzir esse debate, apresentando as origens e metodologias dessas duas disciplinas, as críticas que teólogos bíblicos fazem a teólogos sistemáticos, além dos pressupostos e metodologia que um teólogo sistemático responsável deve assumir, a fim de produzir uma boa teologia sistemática. Por fim, serão apresentados parâmetros na tentativa de estabelecer possibilidades para um diálogo respeitoso e produtivo entre teólogos bíblicos e teólogos sistemáticos.*

PALAVRAS-CHAVE: *teologia bíblica; teologia sistemática; debate metodológico.*

ABSTRACT: *For about two centuries, biblical theologians have been critical about the relevance of the discipline “Systematic Theology” due to questionable methodological practices of some theologians. The main criticisms are related to the approach that many systematic theologians employ, demonstrating exegetical fragilities in their systematizations. This article aims at introducing this debate, presenting the origins and methodologies of these two disciplines, the criticisms that the biblical theologians make to the systematic theologians, in addition to the presuppositions and methodology that a responsible theologian must assume to produce a good systematic theology. Finally, parameters will be presented in an attempt to establish possibilities for a respectful and productive dialogue between biblical theologians and systematic theologians.*

KEYWORDS: *biblical theology; systematic theology; methodological debate.*

* José Carlos de Lima Costa é Doutor em Ciências da Religião pela PUC de Goiás, Diretor Acadêmico e Professor de Grego, Novo Testamento, Teologia Bíblica do Novo Testamento e Exegese do Novo Testamento da Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). E-mail: pr_jccosta@yahoo.com.br.

** Samuel Marques Campos é Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e atualmente é Doutorando em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA. É Coordenador de Extensão e Professor de Teologia Sistemática, Homilética, Antropologia Cultural e Cultura e Religião na Amazônia II. E-mail: samcampos81@gmail.com.

¹ Este artigo é a ampliação de um debate sobre o tema abordado, entre os dois articulistas, promovido pelo Diretório Acadêmico Eurico Nelson (DAEN), por ocasião da Semana Acadêmica da FATEBE, realizada entre os dias 17 a 21 de outubro de 2016.

1 Introdução

O tema colocado em debate¹ neste artigo revela um problema existente entre a Teologia Bíblica e a Teologia Sistemática, muito mais da parte da Teologia Bíblica em relação à Teologia Sistemática que o inverso. De fato, o problema faz parte mesmo das origens da Teologia Bíblica enquanto disciplina acadêmica. A questão tem sido debatida por cerca de dois séculos e tem se tornado tão séria que alguns já decretaram o fim da Teologia Sistemática como disciplina acadêmica.

Neste artigo pretende-se colocar a questão, levantar algumas considerações críticas e apontar algumas breves sugestões no sentido de propor um diálogo entre a Teologia Bíblica e a Teologia Sistemática. Obviamente, não se tem a pretensão de resolver todos os problemas envolvidos, mas apenas propor um caminho intermediário que possibilite o mútuo reconhecimento e a construção de pontes para a realização de trabalhos conjuntos entre as duas disciplinas.

Porém, para que se possa compreender melhor a questão colocada em debate, precisa-se fazer um breve resgate histórico até as origens e os primeiros desenvolvimentos tanto da Teologia Bíblica quanto da Teologia Sistemática. Além disso, é necessário que se conceitue cada uma das disciplinas e se compreenda as propostas e metodologias com as quais trabalham.

2 Origens e desenvolvimentos da Teologia Sistemática

A preocupação em organizar as doutrinas cristãs na forma de credos começou bem cedo na história da Igreja. O primeiro sumário doutrinário de que se tem notícia é o chamado “Credo dos Apóstolos”, composto provavelmente no final do primeiro ou início do segundo século (CAIRNS, 1995, p. 95; MCGRATH, 2005, p. 54).

A fim de facilitar a compreensão das origens e desenvolvimento da Teologia Sistemática, a apresentação será organizada em períodos históricos, não se tendo, porém, a pretensão de abordá-los de modo exaustivo.

2.1 O Período Patrístico

A base de toda formulação dogmática da igreja foi elaborada no período conhecido como patrístico (CAIRNS, 1995, p. 105). Este compreende o período entre o fim da era apostólica e a realização do Concílio de Calcedônia (451), em que viveram e atuaram os primeiros líderes, que substituíram os apóstolos na liderança da igreja (CAIRNS, 1995, p. 57).

Durante este período o Cristianismo enfrentou dois grandes desafios. Externamente, a igreja teve que lidar com a perseguição empreendida pelo Império Romano. Além disso, internamente, o Cristianismo precisou enfrentar as heresias que surgiram em seu meio. Estas heresias podem ser classificadas em três grandes frentes: o legalismo judaizante, o helenismo intelectualista e as religiões místicas espiritualistas (CAIRNS, 1995, p. 70-84). Diante destes dois problemas, a Igreja precisou formular os credos, que deveriam ser confessados pelos novos membros da comunidade.

Com a cessação da perseguição e diante do iminente esfacelamento do império romano, houve o interesse por parte dos imperadores em usar a Igreja como agência unificadora do império e mantenedora da tradição clássica. Porém, para tal, o Cristianismo precisaria ter um corpo unificado de doutrinas e práticas (CAIRNS, 1995, p. 105). Portanto, foi neste contexto que a Igreja foi praticamente forçada a formular seu sistema de crenças. O método que ela empregou para definir as questões doutrinárias foi a realização dos concílios ecumênicos. Porém, as decisões tomadas nestes concílios foram grandemente determinadas por personagens iminentes presentes na igreja daquela época, tais como Irineu (130-200), Tertuliano (160-230), Atanásio (296-373), Eusébio de Cesareia (265-339), Agostinho (354-430), entre outros.

Foi neste contexto de grandes debates teológicos frente a posições divergentes que a igreja formulou a doutrina da trindade, das duas naturezas de Jesus, sua soteriologia e sua eclesiologia. Porém, ao construir o edifício doutrinário cristão, os teólogos precisavam de um sistema filosófico-epistemológico que norteasse o corpo doutrinário da igreja. O sistema a que eles recorreram para tal empreitada foi basicamente o platonismo. De fato, a maioria dos primeiros teólogos cristãos, tais como Justino (100-165), Clemente de Alexandria (155-225), Orígenes (185-254), Agostinho (354-430), entre outros, haviam sido educados no contexto do helenismo e tinham os filósofos gregos na mais alta conta.

Principalmente os apologistas cristãos estavam interessados em tornar o Cristianismo respeitável diante das mentes treinadas no pensamento clássico da época. Justino Mártir foi provavelmente o mais importante dos apologistas (TILLICH, 2000, p. 47-49). Porém, o que fez este diálogo com o helenismo de modo mais explícito foi Clemente de Alexandria, que é acusado de haver adaptado a fé cristã para se ajustar às pressuposições da filosofia grega. Clemente foi seguido por outros teólogos, tais como Orígenes, Tertuliano e Gregório de Nissa, que construíram suas obras em diálogo com a filosofia grega (PELIKAN, 2014, p. 47-74). Neste sentido, categorias conceituais tais como *trindade*, *physis*, *hypóstase*, *ousia*, *homoousios*, entre outras, vieram do contexto epistemológico helênico (PELIKAN, 2014, p. 185-282).

2.2 O Período Medieval

Durante a Idade Média os dogmas formulados pelos credos, pelos concílios e pelos pais da igreja se tornaram lei canônica. Nesta época, a principal preocupação dos teólogos era formular um sistema integrado e coerente de crenças que desse conta de conciliar as decisões dos concílios ecumênicos, as declarações dos pais da igreja e as informações bíblicas. O método empregado neste processo era a dialética, tendo como instrumento a razão, recorrendo-se geralmente a especulações filosóficas (TILLICH, 2000, p. 148).

O escolasticismo dominou praticamente durante toda a Idade Média. Sua principal intensão era fornecer uma interpretação teológica para todos os âmbitos da vida (TILLICH, 2000, p. 146). No final deste período houve a mudança da filosofia platônica para a aristotélica como norteadora das formulações doutrinárias. Este novo paradigma teológico ficou conhecido como nominalismo, ao qual se opunha o antigo paradigma platônico, conhecido como realismo (CAIRNS, 1995, p. 189-193; TILLICH, 2000, p. 152-154). Tomás de Aquino (1225-1274) foi quem, de modo mais explícito,

“tentou integrar a filosofia aristotélica com a revelação bíblica”, muitas vezes, citando Aristóteles como autoridade “quase igual à da revelação divina” (OLSON, 2004, p. 91).

Portanto, na Idade Média tanto o Novo quanto o Antigo Testamento eram lidos à luz da tradição da Igreja e a preocupação era harmonizar as passagens bíblicas a esta tradição (WACHHOLZ, 2010, p. 108). Além disso, algumas declarações bíblicas e dos pais da igreja foram desenvolvidas de modo especulativo, dando origem a novas doutrinas e práticas no seio da Igreja Medieval, tais como a transubstanciação, a veneração à mãe de Jesus, a invocação aos santos, a sucessão apostólica, entre outras (CAIRNS, 1995, p. 127-131).

É óbvio que durante todo este período surgiram vozes protestando contra o dogmatismo da igreja e pedindo por uma volta à inspiração divina e aos textos neotestamentários. São conhecidos, por exemplo, os movimentos místicos, através de Meister Eckhart (1260-1327), Catarina de Sena (1347-1380) e os Irmãos da Vida Comum; os grupos leigos, tais como os montanistas, os albigenses, os valdenses; e personagens reformadores como João Wycliffe (1328-1384), João Huss (1373-1415), Savonarola (1452-1498), entre outros (CAIRNS, 1995, p. 184-186, 202-207).

2.3 O Período da Reforma Protestante

A Reforma Protestante propôs o rompimento com o sistema dogmático da igreja medieval e a volta aos textos do Novo Testamento. Houve o interesse por parte dos reformadores em construir uma teologia que estivesse menos comprometida com a tradição e mais de acordo com os ensinamentos neotestamentários. Neste sentido, todo o sistema doutrinário e prático da igreja precisava ser confrontado com as Escrituras Sagradas (WACHHOLZ, 2010, p. 107-117).

Porém, um dos problemas da Reforma Protestante, foi que ela rompeu apenas com o escolasticismo Medieval, mas não renunciou totalmente à tradição patrística (KÜMMEL, 2003, p. 30). É sabido, por exemplo, do grande apreço que Lutero tinha pela tradição doutrinária dos pais da Igreja. Embora ele defendesse com ardor o *sola Scriptura* (“somente a Escritura”), todavia, esta foi lida e interpretada por ele à luz da tradição católica (as decisões conciliares e o ensino dos pais da Igreja) (OLSON, 2004, p. 90).

Já durante a Reforma surgiram dois grupos com pensamentos diferentes a este respeito: O grupo ligado a Lutero acreditava que só deveria ser eliminado da crença e da prática da igreja o que fosse claramente proibido pela Bíblia. Já o grupo de Zwinglio (1484-1531) defendia que tudo que não se encontrasse claramente ensinado nas Escrituras deveria ser eliminado da crença ou da prática da igreja (WACHHOLZ, 2010, p. 167). Na prática, a discussão dizia respeito à extensão de aceitação do sistema dogmático construído pela igreja ao longo de seu milênio e meio de existência.

Embora tenha havido discussões quanto ao nível de aceitação da tradição católica, não resta dúvida de que, ao construir seus sistemas teológicos, Melancthon (1497-1560), Zwinglio, e depois Calvino (1509-1564) demonstraram grande compromisso com a teologia patrística e principalmente com o tipo de humanismo que prevalecia em sua época (WACHHOLZ, 2010, p. 35, 74, 82, 87). Dreher (1996, p. 12) declara que “praticamente todas as tendências da Reforma têm traços humanistas”. Principalmente o agostiniano foi a matriz teológica a partir da qual os Reformadores construíram suas ideias. Portanto, em grande medida, a Bíblia foi lida pelos

reformadores à luz das decisões conciliares e dos ensinamentos dos pais da igreja, é a chamada *norma normata*² (OLSON, 2004, p. 46-47, 76-77, 95).

Todavia, já no contexto da Reforma, surgiram também grupos radicais, conhecidos como anabatistas, os quais lutaram por um rompimento completo com a dogmática clássica e pela formação de uma igreja diretamente dirigida pelos ensinamentos bíblicos, nos moldes da igreja primitiva. Estes grupos defendiam a separação entre Igreja e Estado, o sacerdócio universal de todos os crentes e a livre interpretação das Escrituras mediante a ação direta do Espírito Santo (CAIRNS, 1995, p. 248-251; DREHER, 1996, p. 67-78). Foi entre este grupo que surgiu, pela primeira vez, a expressão “teologia bíblica” como oposta à dogmática da Igreja (HASEL, 1988, p. 15-16).

2.4 O Período da Pós-reforma

Apesar destes clamores por uma reforma mais radical na teologia e na prática da Igreja, em linhas gerais prevaleceu o dogmatismo ortodoxo no seio das igrejas reformadas, que ficou conhecido com confessionalismo protestante. Tillich (2000, p. 272) o denomina de “escolástica protestante”. Trata-se da “sistematização e consolidação das ideias da Reforma, desenvolvidas em contraste com a Contra-Reforma”. Grande parte das definições teológicas deste período surgiu no embate polêmico com outros grupos, fossem católicos ou outros protestantes. Neste contexto foram elaboradas as confissões de Augsburgo, Helvética, de Heidelberg, entre outras. Ladd (2003, 16) afirma que “a Bíblia foi mais uma vez utilizada sem uma perspectiva crítica e histórica, para servir de apoio à doutrina ortodoxa”. Neste período o elemento doutrinário tornou-se mais importante para a ortodoxia do que o elemento espiritual e ético (TILLICH, 2000, p. 274).

Durante esta época houve duas reações bem diversas ao confessionalismo protestante. A primeira reação veio da parte do pietismo. Este propunha a rejeição do sistema dogmático oficial e a livre leitura e interpretação da Bíblia por parte do crente, sob a iluminação do Espírito Santo. Neste contexto, surgiu a expressão “Teologia Bíblica”, como antagônica à dogmática protestante (HASEL, 1988, p. 16-17).

A segunda reação ao confessionalismo protestante veio da parte do racionalismo. Este propunha a rejeição de todo o sistema dogmático da igreja e a construção de um sistema teológico guiado totalmente pela razão humana. O racionalismo afirmava que a Bíblia ou seus escritos precisam ser vistos como documentos históricos do passado, e não como a palavra de Deus para o presente (LADD, 2003, p. 19). Chegou-se à compreensão de que a Bíblia poderia ser corretamente explicada “apenas com o auxílio dos métodos da ciência histórica” (KÜMMEL, 2003, p. 31). Rejeitava-se *a priori* qualquer forma de sobrenaturalismo. Foi neste contexto que surgiu o método histórico-crítico de interpretação bíblica, o qual se tornará a principal ferramenta para o desenvolvimento da Teologia Bíblica como disciplina acadêmica (HASEL, 1988, p. 17-18).

3 Origens e desenvolvimentos da Teologia Bíblica

² A expressão latina *norma normata* tem o sentido de norma determinada.

A Teologia Bíblica surge no contexto do racionalismo, como uma reação crítica à dogmática. Esta crítica deve ser compreendida no contexto das “restrições impostas aos estudos teológicos pela ortodoxia eclesiástica da época” (MARSHALL, 2007, p. 42). A crítica mais contundente dirigida contra a dogmática protestante, também chamada de “teologia escolástica”, foi elaborada por Anton Friedrich Büsching (1756-58). Porém, o primeiro passo para a elaboração da Teologia Bíblica como disciplina independente da dogmática foi dado com a publicação da obra de Gotthilf Traugott Zachariä (1729-1777) (HASEL, 1988, p. 18-19).

Todavia, conquanto tenha havido vários desdobramentos prévios, o nascimento oficial da Teologia Bíblica como uma disciplina puramente histórica e completamente independente da dogmática deu-se no dia 31 de março de 1787, através da aula inaugural na Universidade de Altdorf, proferida pelo racionalista Johann Philipp Gabler (1753-1826). Nesta palestra Gabler propôs que uma verdadeira Teologia Bíblica deveria adotar uma abordagem indutiva, histórica e descritiva que levasse em consideração o pensamento de cada escritor bíblico individualmente (HASEL, 1988, p. 20-21).

Entretanto, o primeiro a elaborar uma Teologia Bíblica nos moldes propostos por Gabler foi o racionalista Georg Lorenz Bauer (1755-1806). Bauer foi o primeiro erudito a aplicar, de modo consistente, o método histórico-crítico ao estudo do Novo Testamento. Provavelmente ele foi também o primeiro a enfatizar a “multiplicidade dos testemunhos bíblicos” (HASEL, 1988, p. 22). Para Bauer (*Apud* HASEL, 1988, p. 21-22) a “teologia bíblica deve ser um desenvolvimento – purificado de todos os conceitos estranhos – [...] traçado a partir dos escritos dos autores sagrados e apresentado em termos dos vários pontos de vistas e níveis de entendimento que refletem”.

Porém, infelizmente, a Teologia Bíblica não ficou imune a imposições de categorias filosóficas. Influenciado pela filosofia de Hegel, Ferdinand Christian Baur defendeu que não havia unidade, mas diversidade no cristianismo primitivo. Ele afirmou que tal cristianismo estava dividido entre a teologia judaizante ligada aos apóstolos de Jerusalém e a teologia universalista defendida pelo apóstolo Paulo. Somente em meados do segundo século surgiu a síntese católica. A interpretação de Baur originou a chamada “Escola de Tübingen” (GOPPELT, 2002, p. 24-25).

Outras categorias filosóficas foram aplicadas ao estudo da Teologia Bíblica, tais como o idealismo, o racionalismo e, mais recentemente, o existencialismo. Rudolf Bultmann, por exemplo, adota a filosofia existencialista de Martin Heidegger em sua abordagem ao Novo Testamento. A demitização é seu método hermenêutico. De seu ponto de vista, o *kerygma*³ evangélico precisa ser despido de sua estrutura mítica para ser compreendido e aceito pelo homem moderno (HASEL, 1988, p. 65-69). Porém, para Bultmann não importa se o evento proclamado no *kerygma* aconteceu ou não, o que importa é o significado que ele teve para os cristãos primitivos e que nos desafia a ter hoje (LADD, 2003, p. 27-29).

Embora a Teologia Bíblica tenha surgido no contexto do racionalismo, a partir de meados do século XIX houve uma apropriação dela por parte de teólogos de perspectivas mais conservadoras. Deste modo, reconhecendo a unidade e a diversidade presentes no Novo Testamento, o exegeta de Erlangen, Johann Christian Konrad von Hofmann desenvolveu o que ficou conhecido como o método histórico-salvífico (*Heilsgeschichte*). Em sua abordagem ele leva a sério a diversidade presente no Novo

³ *Kerygma* é a transliteração do termo grego empregado no Novo Testamento para se referir à pregação da mensagem cristã. A palavra pode ser traduzida por “pregação”, “proclamação”, “anúncio”.

Testamento e critica qualquer tentativa de interpretar os textos sem uma consideração séria de seu contexto imediato, mas propõe que a Bíblia deve ser lida como testemunho da automanifestação de Deus visando estabelecer relacionamento salvífico com os seres humanos (GOPPELT, 2002, p. 37-39).

Os trabalhos de Hofmann deram origem à “Escola de Erlangen”, a qual exerceu grande influência sobre estudiosos de perspectiva mais conservadora. De acordo com estes estudiosos, “a *Heilsgeschichte* é a melhor maneira para se compreender a unidade da Bíblia” (LADD, 2003, p. 21). O método histórico-salvífico foi aplicado ao Antigo Testamento por Gerhard von Rad através de sua abordagem traditiva e ao Novo Testamento por Oscar Cullmann. Para Cullmann Cristo é o “centro do tempo”. “Ele é o foco no qual todas as linhas da história de Deus com o homem se concentram e do qual são irradiadas” (GOPPELT, 2002, p. 40). Esta abordagem também é adotada por Leonhard Goppelt, George Ladd, entre outros.

Alguns estudiosos desenvolveram teologias bíblicas seguindo uma abordagem histórica, mas comprometidos com a ideia da revelação de Deus na Sua Palavra. Werner G. Kümmel defende que, embora não haja uma continuidade em linha reta em todos os aspectos do pensamento neotestamentário, mas os seus principais testemunhos (“Jesus-Paulo-João”) proclamam uma mensagem comum: que, em Jesus, Deus chega até nós. Porém, esta vinda só se nos torna real quando nos deixamos arrebatado pelo amor de Deus oferecido em Cristo (HASEL, 1988, p. 82). Semelhantemente Joachim Jeremias propõe uma reconstrução histórica da tradição pré-pascoal por meio, primeiramente do método comparativo, com base no qual uma declaração ou tema pode ser testado, se provém do judaísmo ou da igreja primitiva; em segundo lugar, do exame da linguagem e do estilo empregado pelo seu autor. Em sua pesquisa, Jeremias está interessado em descobrir o *kerygma* mais primitivo, ou seja, a *ipsíssima vox Jesu* (mesmíssima voz de Jesus) (HASEL, 1988, p. 83-87).

4 Definição, Tarefa e Metodologia da Teologia Bíblica

Embora se compreenda que toda definição é parcial e limitadora, é importante que, a esta altura, compreendamos o que é Teologia Bíblica e qual a sua proposta metodológica.

Teologia Bíblica pode ser definida como a descrição do pensamento teológico dos autores e pensadores bíblicos em seus próprios contextos históricos e socioculturais. Como declara Sayão (2001, p. 7), “a proposta fundamental da Teologia Bíblica é construir uma teologia a partir das Escrituras, de modo indutivo, sem depender das categorias definidas pela Sistemática ou pela Dogmática”.

Conforme declara Kümmel (2003, p. 31), desde a sua origem a Teologia do Novo Testamento se viu confrontada “com o problema das diferenças e da unidade no Novo Testamento”. A pesquisa científica evidenciou que existe uma pluralidade de vozes no Novo Testamento (KÜMMEL, 2003, p. 33). Para alguns estudiosos essas vozes são tão destoantes que impossibilita qualquer sistematização ou harmonização dos temas tratados na Bíblia.

Os teólogos bíblicos de linha mais conservadora reconhecem tanto a diversidade quanto a unidade presente nas Escrituras. Neste sentido, do ponto de vista da Teologia Bíblica, por estarem envolvidos em contextos diferentes e se deparam com problemas distintos, os autores bíblicos expressaram conceitos e ênfases diferentes em seus

escritos. Por exemplo, o conceito de fé e obras presentes em Paulo e Tiago foi formulado em contextos diferentes para atender a necessidades bem distintas, resultando em conceitos e ênfases também diferentes. Neste sentido, o que Paulo quer dizer por fé e obras não é igual ao que Tiago quer expressar através das mesmas palavras. Deste modo, embora os conceitos presentes em Paulo e Tiago não sejam contraditórios, eles são diferentes.

Assim, diferentemente da Teologia Sistemática que tende a uniformizar e harmonizar os temas teológicos presentes nas Escrituras, a Teologia Bíblica procura apenas descrever o que cada termo significa para determinado autor bíblico. Por exemplo, enquanto a Teologia Sistemática tentaria apresentar uma definição geral de fé nas Escrituras, a Teologia Bíblica tentaria explicar o que este termo significa para cada autor bíblico. Ou seja, o que significa fé para Paulo, João, Tiago, o autor de Hebreus etc.

Deste modo, a tarefa da Teologia Bíblica é tentar compreender a teologia como ela se apresenta para cada autor bíblico e como tal teologia é expressa por cada um deles, a partir de seu próprio contexto histórico, cultural e social. Neste sentido, ela pretende permitir que cada escrito ou grupo de escrito manifeste sua própria voz, para, só então, “perguntar pelo que eles têm em comum entre si, bem como constatar diferenças” fundamentais (KÜMMEL, 2003, p. 33). Embora o teólogo bíblico compreenda que a neutralidade absoluta é impossível, empreende um esforço consciente no sentido de não impor categorias estranhas ao texto bíblico.

Além disso, não há, por parte da Teologia Bíblica, a preocupação de conciliar conceitos teológicos diferentes presentes nas Escrituras. Ela compreende que seu papel é apenas expor como estes conceitos são expressos por cada autor bíblico, sem a preocupação de tentar harmonizá-los. Por exemplo, enquanto a Teologia Sistemática tenta harmonizar informações bíblicas tais como a soberania divina e a liberdade e responsabilidade humana em sistemas teológicos conhecidos como calvinista, arminiano ou pelagiano, a Teologia Bíblica apenas descreveria como estes conceitos são expressos por cada autor bíblico, em seu próprio contexto específico.

Metodologicamente a Teologia Bíblica opera de modo indutivo, reunindo o pensamento de cada autor bíblico expresso no livro ou nos livros que escreveu, na tentativa de apresentar uma definição coesa de seu pensamento teológico. Neste processo o teólogo bíblico depende do trabalho realizado pela exegese das várias unidades de pensamentos dos respectivos autores sagrados.

Todavia, há vários fatores que dificultam o trabalho do teólogo em sua tentativa de apresentar a visão teológica dos autores bíblicos: Primeiramente, o fato dos livros do Novo Testamento serem documentos ocasionais, escritos para atender a necessidades imediatas das comunidades às quais foram dirigidos. Assim, nenhuma deles foi composto para ser uma apresentação sistematizada do pensamento teológico dos seus escritores (MARSHALL, 2007, p. 18-19). Deste modo, há tópicos teológicos acerca dos quais não sabemos o que determinado autor pensava, e mesmo aqueles acerca dos quais se expressa, não apresentam uma definição completa.

O segundo fator, é a falta de enquadramento histórico para muitas declarações bíblicas (LADD, 2003, p. 530). Havia um contexto histórico comum ao autor e seus destinatários que tornava possível a comunicação entre eles. Além disso, havia algumas informações e fatos que eram compartilhados por eles (2Ts 2:3-6), às quais, na maioria das vezes, não temos mais acesso.

O terceiro fator complicador é a grande diversidade de literatura presente na Bíblia (MARSHALL, 2007, p. 19). Ou seja, os autores bíblicos não escreveram sempre

empregando os mesmos gêneros literários e nem sempre seus escritos aparecem em forma de prosa. Se levarmos em consideração o Antigo e o Novo Testamento, deparamo-nos com leis, narrativas, provérbios, cânticos, profecias, epístolas, apocalipses, entre outros.

Finalmente, um quarto fator – talvez o mais complexo – que dificulta o trabalho do teólogo bíblico é o fato de o líder principal do Cristianismo e o originador do pensamento cristão não haver escrito uma única linha que tivesse sobrevivido para conhecermos, em primeira mão, seu pensamento teológico (MARSHALL, 2007, p. 36-39). Tudo que sabemos acerca da vida e do pensamento de Jesus de Nazaré sobreviveu através dos relatos evangélicos. Porém, como se sabe, os evangelistas não pretenderam escrever uma biografia de Jesus, mas tudo que disseram acerca dele está moldado por propósitos evangélicos, apologéticos e catequéticos em relação às comunidades às quais foram dirigidos. Acreditamos que este fato não invalida a apresentação de Jesus feita nos Evangelhos, mas pelo menos limita a possibilidade de termos um quadro mais global e, portanto, real, do pensamento teológico de Jesus.⁴

Estes fatores complicadores obriga o teólogo bíblico a empreender um processo de “garimpagem”, na tentativa de apresentar uma definição mais global acerca do pensamento teológico de cada escritor bíblico. Neste trabalho, ele conta com a ajuda de outras disciplinas, tais como a exegese, a história, a arqueologia, a geografia, a sociologia, entre outras.

Na apresentação dos resultados de sua pesquisa a Teologia Bíblica pode empregar duas deferentes abordagens: diacrônica e sincrônica. Diacronicamente, o teólogo bíblico pode pesquisar e descrever o pensamento teológico de determinado autor, tal como Paulo, Pedro, Tiago, etc. Para tal, ele pesquisa todos os escritos atribuídos àquele autor, na tentativa de sintetizar seu pensamento teológico. Neste caso, as concepções teológicas do autor em questão são organizadas em temas mais amplos, tais como a cristologia, a soteriologia, a escatologia paulina etc.

Sincronicamente, o teólogo bíblico pode pesquisar e descrever determinado tema específico de dado autor, ou até em determinado escrito específico, tal como, o conceito de fé na epístola aos Hebreus, o conceito de justificação em Paulo etc. Neste caso, a pesquisa pode ser também desenvolvida levando em consideração o pensamento de vários autores bíblicos acerca do mesmo tema, tal como, o conceito de salvação em Paulo, João, Tiago etc.

5 Definição, Tarefa e Metodologia da Teologia Sistemática

Para apresentar uma definição e o *modus operandis* metodológico da Teologia Sistemática como disciplina, é relevante reconhecer que todo ser humano tem uma cosmovisão, ou seja, uma visão de mundo. Ela consiste nas lentes que se utiliza para interpretar a realidade. Trata-se do “[...] sistema de pressupostos que usamos para organizar e interpretar nossa experiência da vida” (FERREIRA, MYATT, 2007, p. 5).

⁴ Embora se rejeite o ceticismo postulado por Rudolf Bultmann e sua escola acerca da possibilidade de se conhecer a vida e os ensinamentos de Jesus histórico através dos relatos evangélicos, reconhece-se que eles não são primariamente relatos biográficos acerca de Jesus, mas apresentações teológicas dos eventos que envolveram sua vida e seus ensinamentos. Portanto, embora estes eventos tenham acontecido historicamente, eles foram compostos e redigidos para atender às necessidades das comunidades cristãs com as quais estavam relacionados e às quais foram destinados (cf. MARSHALL, 2007, p. 31-34).

Assim, não existe uma visão neutra na leitura do mundo. Todos possuem uma ideia sobre o sagrado, sobre o ser humano, sobre a natureza, dentre outros assuntos. Neste sentido, de acordo com Carson (2001, p. 44), a maioria das pessoas adota algum tipo de “Teologia Sistemática”.

Franklin Ferreira e Alan Myatt (2007, p. 5) relacionam a Teologia Sistemática à elaboração de uma cosmovisão cristã, ao declararem que

A teologia sistemática é uma parte essencial da tarefa de construir uma cosmovisão cristã [...]. Sem uma teologia sistemática não é possível ter uma cosmovisão cristã. A teologia sistemática nos ajuda a responder às perguntas de nossa época, às filosofias do mundo e aos problemas que o ser humano tem enfrentado constantemente.

Conforme a definição *supra*, a Teologia Sistemática é uma disciplina que procura organizar todo o material revelado por Deus aos cristãos da atualidade. Ela objetiva apresentar qual é a visão de mundo cristã de acordo com as Escrituras. Portanto a Teologia Sistemática pressupõe que o conteúdo bíblico, quando corretamente interpretado, é prescritivo não apenas aos seus destinatários imediatos, mas também aos crentes da atualidade.

Deste modo, a Teologia Sistemática, como uma atividade de pensar sobre o Deus revelado nas Escrituras, procura organizar o que a divindade quis revelar ao longo dos séculos nas Escrituras. Para J. I. Packer (2004, p. 11), “a teologia é, primeiramente, a atividade de pensar e falar a respeito de Deus [...] e, em segundo lugar, o produto dessa atividade”.

Neste sentido, Erickson (2015, p. 22-23) define Teologia Sistemática como:

A disciplina que procura afirmar, de modo coerente, as doutrinas da fé cristã, fundamentada principalmente nas Escrituras, situada no contexto da cultura em geral, verbalizada numa linguagem atual e relacionada com as questões da vida [...] se baseia em toda a Bíblia.

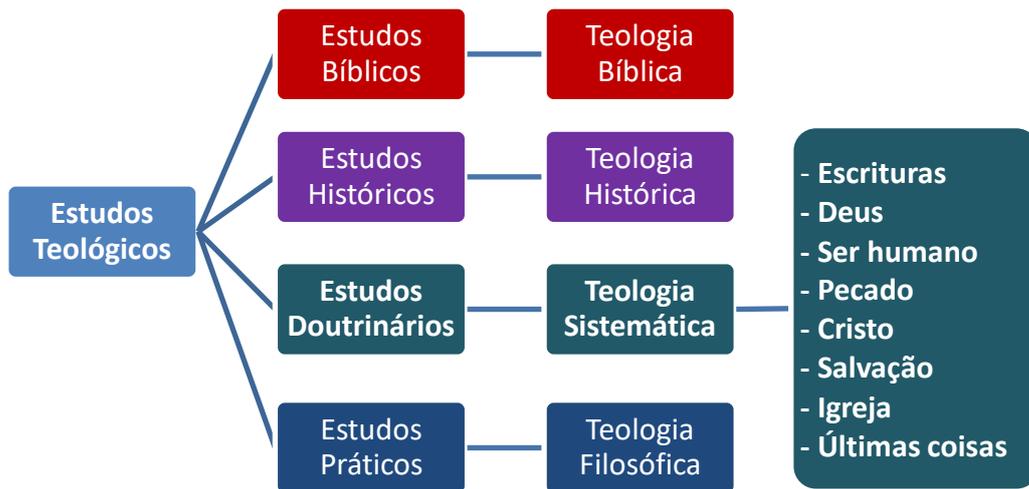
Grudem (1999, p. 4) define doutrina como aquilo “que a Bíblia como um todo nos ensina hoje acerca de algum tópico específico”.⁵ Ou seja, estabelecer o que a Bíblia trata a respeito de algum ensino é “simplesmente o resultado do processo de fazer teologia sistemática”.

De acordo com Olson (2004, p. 33), a teologia tem como tarefa “construir modelos relativamente coerentes, praticáveis, das realidades transcendentais reveladas por Deus em Jesus Cristo e no registro e interpretação inspirada dele que conhecemos como Escritura”. Deste modo, a tarefa do teólogo sistemático pode ser retratada no gráfico 1, em que se considera outras abordagens teológicas legítimas e com metodologias próprias.

Gráfico 1 – A Teologia Sistemática frente a outras abordagens teológicas⁶

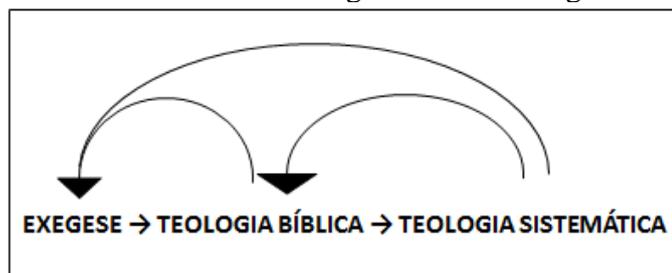
⁵ Erickson (2015, p. 47-50, 58-60) faz uma excelente reflexão sobre a natureza da doutrina e o relacionamento entre fé, doutrina e teologia.

⁶ Adaptação gráfica do esquema proposto por Erickson (2015, p. 24).



Conforme retratado acima, existem abordagens diferentes no fazer teológico. Especificamente em relação à Teologia Sistemática, ela se empenha em fazer estudos doutrinários procurando classificar e organizar os ensinamentos bíblicos. Reconhece, no entanto, as peculiaridades e diversas teologias das Escrituras como complementares e não como contraditórias. O gráfico 2 apresenta, em forma de diagrama, o relacionamento da Teologia Sistemática com a Teologia Bíblica no fazer teológico.

Gráfico 2 – Teologia Sistemática e seu relacionamento com a Teologia Bíblica e Exegese⁷



O gráfico *supra* demonstra que o trabalho de encontrar o significado bíblico começa com a exegese, como uma tarefa que objetiva extrair de dentro do texto bíblico o seu significado original. A palavra “exegese” vem do prefixo grego εξ (*ex*, fora de), tendo a ideia de extrair de dentro do texto para fora. Ou seja, a tarefa exegetica é a

⁷ Adaptação gráfica simplificada do esquema proposto por Carson (2001, p. 70). Carson considera também a Teologia Histórica nesse relacionamento, o que, para nossa reflexão, deixaremos para trabalhos futuros.

aplicação das regras de Hermenêutica com o objetivo de encontrar o sentido da perícopes⁸ (VIRKLER, 2001, p. 11).

Portanto, em seu trabalho de exposição do pensamento bíblico em seu próprio ambiente formativo (LADD, 2003, p. 38), a Teologia Bíblica lança mão da exegese. Por sua vez, a Teologia Sistemática se alimenta dos resultados da Teologia Bíblica e da tarefa exegética. Ela “[...] faz uso do material da teologia bíblica e com frequência constrói sobre seus resultados” (GRUDEM, 1999, p. 2). Assim, o teólogo sistemático responsável deve estar disposto a rever posicionamentos e ajustar a sistematização das doutrinas bíblicas com base na exegese bíblica.

A “exegese, embora [possa ser] afetada pela teologia sistemática, não deve ser por ela algemada”.⁹ A Teologia Sistemática séria assume que “a autoridade definitiva é a Escritura e apenas a Escritura” (CARSON, 2001, p. 70).

Embora questionada por muitos teólogos modernos, acredita-se na importância e relevância contemporânea da teologia sistemática. O teólogo sistemático norte-americano Robert L. Reymond (2016) escreveu um artigo em que defende e justifica a Teologia Sistemática como uma importante disciplina que retrata o pensamento cristão. Das cinco razões apresentadas por Reymond¹⁰, uma delas parece pertinente ao debate em pauta: *O mandato dado à igreja para discipular todos os povos.*

O relato mateano registra a Grande Comissão do Cristo glorificado à igreja:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:18-20).

Essas palavras enfatizam que os discípulos do Senhor devem fazer discípulos de todas as nações (demanda evangelística), ensinando o que Jesus ensinou (demanda didática). Nas palavras de Reymond (2016, p. 3),

O empreendimento teológico serve então a Grande Comissão, à medida que busca explicar duma maneira lógica e coerente para os homens de todo lugar a verdade que Deus revelou na Sagrada Escritura sobre si mesmo e o mundo que ele criou.

Portanto, a tarefa da igreja de fazer discípulos e de transmitir-lhes os ensinamentos de Jesus pressupõe certa organização ou sistematização destes ensinamentos na forma de doutrina a ser crida e vivida pelos convertidos. Esta necessidade, obviamente, foi sentida pelas primeiras comunidades cristãs, as quais se depararam com a responsabilidade de preservar e transmitir os ensinamentos do Mestre.

⁸ Perícopes refere-se à unidade de pensamento de um texto bíblico ou a um parágrafo contendo uma ideia completa.

⁹ Carson entende que é impossível ir ao texto bíblico sem pressuposições ou um tipo de “teologia sistemática”. No entanto, o teólogo sistemático deve estar disposto a rever seus pressupostos e seu entendimento de doutrinas bíblicas, quando a exegese bíblica séria levar a uma direção diferente do posicionamento então defendido inicialmente.

¹⁰ As cinco razões abordadas por Reymond (2016) são: 1) o emprego do método teológico por Jesus; 2) a ordem dada à igreja para discipular todos os povos; 3) o exemplo apostólico; 4) a atividade da igreja cristã neotestamentária; e 5) “a inspiração e autoridade divina da Sagrada Escritura”. Esta última razão será tratada mais adiante neste artigo.

Esta necessidade fez surgir os primeiros credos cristãos, que podem ser encontrados já no período neotestamentário (Rm 1:3-4; 10:9; 1Co 15:3-4; 1Tm 3:16 etc.).

6 Críticas da Teologia Bíblica à Teologia Sistemática

Os biblistas apontam alguns problemas sérios relacionados às propostas e aos métodos empregados pela Teologia Sistemática. No geral, essas críticas estão relacionadas ao modo como a Teologia Sistemática lida com os dados bíblicos.

Primeiramente, nota-se que há uma dependência muito grande da Teologia Sistemática em relação a algum sistema filosófico seja o platonismo, o aristotelismo, o hegelianismo, o heideggerianismo, o marxismo, entre outros. Esta dependência tem levado a Teologia Sistemática a impor conceitos e categorias estranhas aos contextos nos quais as Escrituras foram compostas. Embora se reconheça que é praticamente impossível ler os textos bíblicos sem pressupostos ideológicos, entende-se que deve haver um esforço da parte do exegeta para, na medida do possível, despir-se de seus próprios pressupostos históricos e imbuir-se dos conceitos e pressupostos dos leitores originais dos textos bíblicos. Obviamente, este exercício não é uma atividade acabada, mas um processo contínuo de distanciamento e aproximação. Talvez, seja útil aqui o conceito gadameriano de “fusão de horizontes” (GADAMER, 2005).

Uma segunda crítica à Teologia Sistemática é que há nela a tendência de depender demasiadamente das formulações teológicas tradicionais, especialmente dos pais da igreja. Por exemplo, Olson (2004, p. 51) defende que “a grande tradição” deve ser reconhecida pelos cristãos como o “Terceiro Testamento” ou como “o cânon fora do cânon”. Esta tendência leva muitos teólogos sistemáticos a caírem em uma espécie de círculo vicioso hermenêutico. Ou seja, interpretar os textos bíblicos utilizando-se de uma chave hermenêutica – a interpretação patrística – chegando a resultados que reiteram a teologia patrística.

Em terceiro lugar, a Teologia Sistemática coloca ênfase demasiada na unidade, geralmente em detrimento da diversidade bíblica. Embora se reconheça que muitos teólogos bíblicos, especialmente os de posicionamentos mais críticos, enfatize demasiadamente a diversidade bíblica em detrimento de sua unidade, percebemos que a teologia sistemática procede de forma inversa. Este fato leva o teólogo sistemático a uniformizar conceitos bíblicos diferentes, formulados para atender a necessidades e problemas específicos. Como já foi tratado acima, embora se deva reconhecer que há uma unidade que subjaz aos vários conteúdos tratados nas Escrituras, não se pode deixar de levar a sério as grandes diferenças de ênfases teológicas entre os vários autores bíblicos.

Um quarto problema apontado por biblistas é a preocupação demonstrada por teólogos sistemáticos em tornar os conceitos bíblicos imediatamente aplicáveis e normativos ao seu contexto contemporâneo sem uma consideração séria do contexto no qual os documentos foram produzidos. Este fato, frequentemente os tem levado à aplicação de textos bíblicos a situações e problemas aos quais eles não foram originalmente escritos para resolverem ou responderem. Embora se reconheça que todo texto bíblico tem uma mensagem ao público contemporâneo, insiste-se em que a aplicação deve ser fundamentada na exegese séria de tais textos. Neste sentido, antes de dizer o que o texto significa para os leitores atuais, precisa-se primeiramente compreender o sentido que teve aos leitores aos quais foi originalmente destinado.

Finalmente, nota-se que, pela própria metodologia e pressupostos que adota, há uma preocupação da Teologia Sistemática em tentar harmonizar os conceitos teológicos presentes na Bíblia. Esta preocupação faz com que o teólogo sistemático tente harmonizar conceitos teológicos que talvez não tenham sido dados para serem harmonizados. Percebe-se que o próprio apóstolo Paulo reconheceu que a racionalidade humana é limitada e, geralmente incapaz de compreender totalmente, questões ligadas à dimensão divina e eterna (Rm 11:33-36).

7 Propostas para a Possibilidade de um Diálogo Eficaz

Embora haja vários estudiosos bíblicos que defendem o fim da Teologia Sistemática como disciplina acadêmica, há também aqueles que acreditam poder haver um diálogo saudável e produtivo entre teólogos bíblicos e teólogos sistemáticos, de modo a superar a dicotomia estabelecida entre as duas disciplinas. Por exemplo, tanto o biblista canadense Donald A. Carson quanto para o teólogo sistemático Millard J. Erickson acreditam haver possibilidade de conciliação entre a teologia bíblica e a teologia sistemática.

Carson (2001, p. 68) declara que “não há qualquer desgraça intrínseca na harmonização teológica”. Em seu livro *Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática? Unidade e diversidade no Novo Testamento* Carson (2001, p. 43) propõe “a possibilidade de estabelecer uma teologia sistemática com base em tais documentos [as Escrituras] de natureza tão diversa”.

Movido pela mesma perspectiva conciliadora, Erickson (2015, p. 26) postula que

[...] a Teologia Sistemática adequada será sempre teologia bíblica, pois ela não apenas se baseia na Teologia Bíblica, como é teologia bíblica. Nosso objetivo é a teologia bíblica sistemática [...] o teólogo sistemático conta com o produto dos esforços da Teologia Bíblica. A Teologia Bíblica é a matéria-prima com a qual a Teologia Sistemática trabalha.

Portanto, Teologia Sistemática e Teologia Bíblica empregam metodologias diferentes, mas não são mutuamente exclusivas. Levando em consideração este fato, proporemos dois parâmetros fundamentais que devem nortear tanto o teólogo bíblico quanto o teólogo sistemático na elaboração de seus trabalhos acadêmicos.

7.1 *Levar a Sério a Bíblia como Revelação Divina*

Primeiramente, para que exista a possibilidade da elaboração de uma teologia sistemática, devem-se considerar as Escrituras como a revelação proposicional de Deus aos seres humanos. Este não é apenas um pressuposto com o qual se parte para a interpretação e explicação da Bíblia, mas é um dado apreendido do próprio estudo das Escrituras. Ou seja, a própria Bíblia reivindica ser a Palavra de Deus para aqueles aos quais se destinou. É óbvio que a aceitação pessoal desta declaração se dá pela fé.

Há várias implicações que se pode tirar do fato de as Escrituras serem a revelação de Deus aos seres humanos. Primeiramente, deve-se reconhecer que se os escritos bíblicos foram produzidos por uma mente divina, apesar da sua diversidade e multiplicidade, então “é necessário que os documentos que constituem a Bíblia versem

sobre o mesmo tópico geral” (CARSON, 2001, p. 51). Neste sentido, os teólogos bíblicos devem reconhecer que existe uma unidade que subjaz a todo o Novo Testamento. Como declara Marshall (2007, p. 17), “os livros do Novo Testamento apresentam uma unidade temática patente, perceptível pelo fato de que todos tratam, de uma maneira ou de outra, de Jesus e da religião que se criou em torno dele”.

De modo mais amplo, pode-se afirmar que toda a Bíblia é perpassada por um mesmo grande tema ou projeto, que é restabelecer e manter um relacionamento de comunhão entre Deus e os seres humanos. Neste sentido, pode-se dizer que a Bíblia é um livro “missiológico”, uma vez que descreve o empreendimento de Deus para redimir o ser humano e toda a criação. Do ponto de vista do Antigo Testamento, este empreendimento está focado na relação de aliança e eleição de Deus com Israel. Da perspectiva do Novo Testamento, este projeto tem como elemento central a vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, o filho de Deus.

Além disso, vários teólogos reconhecem que há um progresso ou evolução da revelação divina na Bíblia. Neste sentido, compreende-se que os conceitos teológicos foram se desenvolvendo paulatinamente ao longo das Escrituras, até atingirem sua forma final e definitiva com determinado autor bíblico. Partindo deste ponto de vista, Marshall (2007, p. 21) afirma que a tarefa do teólogo bíblico é “investigar a evolução do pensamento dos escritores do Novo Testamento [e do Antigo Testamento] a respeito de Deus e do mundo, mais especificamente do mundo dos seres humanos, bem como a forma como ambos se relacionam”.

Portanto, expressar a teologia de um autor bíblico não é apenas descrever, de modo aleatório, o que ele disse, mas tentar encontrar as conexões de seu pensamento, bem como os temas centrais ao redor dos quais o restante dos temas está agrupado. Além disso, tal empreendimento inclui tentar identificar possíveis desenvolvimentos no pensamento de cada escritor bíblico, bem como localizar onde o pensamento teológico deste autor se encontra em relação ao desenvolvimento geral da revelação divina. É óbvio que existem vários riscos neste trabalho, tal como o de se aplicar ligações lógicas onde elas não existem e o de impor categorias estranhas às concepções dos autores bíblicos.

Carson está ciente de que existem diferentes teologias e peculiaridades literárias nas Escrituras. Ele emprega uma analogia que mostra sua consciência acerca do pressuposto de que o teólogo sistemático deve partir de um tema central. Para ele

[...] a Bíblia assemelha-se a um quebra-cabeça que nos oferece cinco mil peças e a garantia de que todas as peças fazem parte do mesmo quadro, embora noventa e cinco mil peças (os números e sua relação não são importantes para minha analogia) estejam faltando. A maior parte das peças oferecidas, insistem as instruções, ajustam-se umas às outras muito bem; todavia, alguns buracos, as extremidades têm vários pedaços clamando para serem completados, e alguns agrupamentos de peças que parecem permanecer isolados do quadro maior. Apesar disso, a certeza de que as peças fazem parte de um mesmo todo nos ajuda, porque torna possível elaborar a teologia sistemática, embora ela jamais vá ficar completa até recebermos mais peças do Fabricante [Deus] (CARSON, 2001, p. 52).

Assim, apesar de várias teologias existentes na Bíblia, decorrentes de autores/redatores diferentes, contextos culturais distintos, circunstâncias histórico-sociais peculiares, tratamento de assuntos diversos, destinatários característicos, dentre

outros elementos, se existe um único Autor que trata de um tema básico que percorre as páginas das Escrituras, então é possível produzir uma teologia sistemática responsável.

O teólogo sistemático tem de ter consciência de que a diversidade bíblica tem relação também com assuntos que estão relacionados com grandes áreas do desconhecido. As Escrituras tratam da encarnação, humanidade e divindade de Jesus, relação entre Soberania de Deus e Responsabilidade Humana dentre outros. Não há necessariamente contradição lógica entre os dados bíblicos que tratam dessas temáticas. Antes, evidenciam a complexidade dos dados bíblicos e a falta de maiores informações. Também são assuntos que dependem da revelação e são doutrinas suprarracionais e não ensinamentos irracionais ou ilógicos (CARSON, 2001, p. 73-74; cf. Dt 29.29).

O teólogo sistemático, assim sendo, deve ter uma postura humilde quando algumas informações relevantes se mostrarem escassas, insuficientes e existir “[...] uma falta dolorosa de informações em pontos cruciais” (CARSON, 2001, p. 74). Ele deve reconhecer essa questão, ter consciência de que existe complexidade nos dados bíblicos e que muitos assuntos serão mais bem esclarecidos apenas quando dados históricos, arqueológicos, dentre outros, lancem mais luz sobre determinadas questões obscuras.¹¹

Em segundo lugar, uma vez que se reconheça que a Bíblia é a revelação divina aos seres humanos, deve-se também reconhecer o seu caráter prescritivo. Ou seja, ela não foi uma mensagem de Deus apenas para os seus destinatários imediatos, mas é também uma Palavra de Deus que nos confronta hoje. Deste modo, a teologia sistemática parte do pressuposto de que a Bíblia traz uma mensagem prescritiva e, portanto, autoritativa para o homem moderno. Por isso, a Teologia Sistemática deve ser escrita em linguagem contemporânea, pois “[...] focaliza a sintetização de cada doutrina do modo pelo qual ela deve ser entendida pelos cristãos de hoje” (GRUDEM, 1999, p. 3). O teólogo sistemático deve aplicar as doutrinas bíblicas à vida prática e tratar de questões hodiernas. No entanto, deve estar atento a controlar a aplicação dos ensinamentos escriturísticos pelos dados bíblicos oriundos de exegese séria.

Grudem levanta o questionamento de alguns que criticam a Teologia Sistemática pela escolha dos assuntos, pois essa atitude, segundo essa inquirição, leva necessariamente a ditar as conclusões. No entanto, a sistematização é necessária, pois dá as condições para se entender melhor a Bíblia, a aplicá-la e a ensiná-la, independente da ordem dos assuntos. Para ele,

[...] nenhum autor do Novo Testamento [, por exemplo,] tinha como interesse *principal*, explicar assuntos como “batismo no Espírito Santo” ou o papel das mulheres na igreja ou a doutrina da Trindade; mas essas matérias constituem áreas válidas de interesse para nós hoje, e devemos olhar para todos os trechos nas Escrituras que sejam relevantes para esses tópicos (GRUDEM, 1999, p. 11-12, grifo do autor).

¹¹ Carson (2001) critica a tese defendida por J. D. G. Dunn de que o cristianismo primitivo era uma diversidade tamanha, uma “colcha de retalhos”, existindo inúmeros cristianismos no contexto da igreja inicial. A obra de Köstenberger e Kruger (2014) intitulada “A heresia da ortodoxia”, endossada por D. A. Carson, combate ferrenhamente a teoria de Walter Bauer, divulgada por Bart-Ehrman e defendida por Dunn e outros teólogos críticos, apresentando robustas evidências de seletividade de material histórico e outras falhas nessa proposta que se tornou padrão nos estudos bíblicos críticos. Para estes autores, ao contrário da teoria baueriana, o “[...] início do cristianismo não era infestado de inúmeras heresias concorrentes [...]; era, em sua maior parte, um movimento unificado reunido em torno da convicção de que Jesus era o Messias e Senhor exaltado predito no Antigo Testamento” (KÖSTENBERGER, KRUGER, 2014, p. 315).

Desta forma, a escolha dos tópicos não precisa necessariamente se restringir aos interesses principais dos autores bíblicos, pois o alvo do teólogo sistemático é descobrir a vontade divina para os dias de hoje.

Porém, o reconhecimento de que a Bíblia é a Palavra de Deus para hoje traz basicamente duas implicações ao trabalho do teólogo. Em primeiro lugar, exige que, o teólogo se aproxime dos textos bíblicos de um modo aberto, permitindo que as Escrituras mudem conceitos e práticas já adotadas. Uma visão teológica fechada e a defesa de uma dogmática petrificada demonstra não levar suficientemente a sério a autoridade contemporânea das Escrituras Sagradas.

A outra implicação de se ter a Bíblia como a Palavra de Deus é a necessidade de se assumir uma postura mais humilde diante dela, compreendendo que ela expressa ideias e conceitos que talvez não sejam possíveis de serem logicamente harmonizados. Se acreditamos que, em última instância, as Escrituras têm uma origem divina e, portanto, sobrenatural, precisamos admitir que o simples emprego do raciocínio lógico não seja suficiente para compreendê-la plenamente. Este fato deve nos precaver de tentar empregar categorias filosóficas para organizar uniformemente conceitos humanamente ilógicos e aparentemente contraditórios. Talvez a advertência do apóstolo Paulo aos cristãos coríntios helenizados nos sirva de alerta (1Co 1:18-2:16).

7.2 Levar a Sério a Bíblia como Produção Humana

Ao lidar com a Bíblia para compor seu sistema teológico, o teólogo sistemático precisa levar a sério o fato de que a Bíblia, embora seja a revelação divina, foi composta por seres humanos, envolvidos em contextos humanos e apresentada em linguagem humana. Deste modo, cada autor estava inserido e foi influenciado pelo seu próprio contexto histórico, sociocultural e religioso. Além disso, as pessoas às quais eles escreveram, também tinham seu próprio mundo e este afetou no modo como compreenderam esta mensagem. Este fato traz três implicações para a nossa discussão:

Primeiramente, significa que ao compor seus escritos, cada autor tinha seu próprio propósito específico. Este propósito foi determinado pelos problemas e necessidades das comunidades às quais ele se dirigiu. Alguns autores bíblicos explicitaram este propósito (Lc 1:1-4; Jo 20:31; Jd 1:3-4 etc.), porém, em outros livros este se encontra implícito nas ênfases que ele traz. Atualmente há o reconhecimento de que mesmo os Evangelhos e as narrativas, tais como as do livro de Atos, foram compostos a partir e para atender a necessidades específicas de comunidades do primeiro século.¹² Neste sentido, qualquer interpretação de textos isolados, que não leva em consideração o propósito geral do autor ao compor sua obra, está fadada a distorcer os textos bíblicos.¹³ Isso exige que a teologia sistemática esteja fundamentada mais na exegese sérias dos textos bíblicos que em sistemas teológicos ou filosóficos prévios.

¹² Por exemplo, percebe-se uma nítida diferença entre o Evangelho de João e os Evangelhos Sinóticos. O Jesus apresentado por João é bem diferente daquele apresentado, por exemplo, por Lucas. Esta diferença deve-se certamente ao propósito que João teve em vista ao escrevê-lo, que o levou a enfatizar outros aspectos do caráter e dos ensinamentos do Senhor.

¹³ Embora não seja o objetivo da presente discussão abordar questões hermenêuticas, aqui se coloca o problema da abordagem micro e macro ou da aproximação e distanciamento dos textos bíblicos, tratado por Wilhelm Dilthey (1999).

Além disso, também exige que se empreenda uma abordagem mais histórica e indutiva dos textos bíblicos ao invés de abordá-lo dedutivamente.

Uma segunda implicação do fato de a Bíblia ser um livro humano é que cada autor expressa sua própria visão e ênfase teológica, que pode ser diferente da visão e da ênfase de outro autor. Embora este fato não elimine uma unidade fundamental e até uma coerência básica, requer que o teólogo considere com mais seriedade a diversidade presente na Bíblia e, de modo específico, no Novo Testamento.

Ainda outra implicação que deve ser considerada é a natureza da revelação progressiva das Escrituras. A mensagem bíblica “[...] foi revelada e registrada progressivamente” e isto aconteceu porque “Deus falou, Deus agiu adequadamente [e] a reação humana para os atos das palavras de Deus se tornou o ambiente histórico para revelação adicional” (GRONINGEN, 2006, p. 18).

Para Carson (2001, p. 55), há “crescimento e desenvolvimento na verdade revelada dentro do cânon”, exigindo do teólogo sistemático “um tratamento que seja sensível à natureza do objeto sob estudo”. Assim, o teólogo deve ter sensibilidade de que certas práticas e ensinos do Primeiro Testamento não foram continuados na nova aliança que Jesus inaugurou, como o sistema sacrificial, por exemplo.

A implicação disso é que os escritores bíblicos não expressam o mesmo conhecimento sobre os vários temas teológicos. Mesmo no período neotestamentário pode-se perceber um avanço na compreensão de determinados temas. Por exemplo, embora a doutrina da expiação apareça embrionariamente nos Evangelho e em Atos, ela só é desenvolvida plenamente pelo apóstolo Paulo.

Além disso, há temas teológicos que são quase exclusivos de determinados autores e praticamente não aparecem em outros. Por exemplo, a ideia da vida eterna é enfatizada por João, o conceito de justificação pela fé é tipicamente paulino, o ministério sumo sacerdotal de Jesus é desenvolvido pelo autor da Epístola aos Hebreus etc. Este fato alerta o teólogo para a tentação de impor temas e conceitos de um autor para outro, sem considerar suas próprias idiossincrasias.

Considerações Finais

Deve-se reconhecer que o que distingue a teologia bíblica da teologia sistemática não diz respeito apenas a questões de ênfases ou abordagens. De fato, as duas disciplinas trabalham com paradigmas diferentes. O problema envolvido na disputa entre as duas disciplinas envolve questões de pressupostos e metodologia. Assim, enquanto a teologia bíblica parte do pressuposto da diversidade bíblica, a teologia sistemática trabalha movida pelo pressuposto da unidade; se por um lado a teologia bíblica emprega o método indutivo na sua pesquisa, a teologia sistemática opera mais de modo dedutivo; além disso, a teologia sistemática encara o texto bíblico como prescritivo, enquanto a teologia bíblica entende que o sua tarefa é apenas descrevê-lo. Deste modo, a teologia bíblica encara o texto como histórico, enquanto a teologia sistemática o entende como uma mensagem divina dirigida às pessoas de hoje. Deste modo, pode-se afirmar que a teologia sistemática opera a partir do paradigma platônico, enquanto a teologia bíblica recorre mais ao aristotelismo.

Portanto, embora a própria apresentação deste artigo tenha demonstrado que algumas questões envolvendo a teologia bíblica e a teologia sistemática são de fato

insuperáveis, propõem-se aqui uma espécie de diálogo que torne possível o trabalho conjunto e o mútuo reconhecimento das duas disciplinas.

Além disso, compreendendo-se as diferenças e as especificidades de cada disciplina, acreditamos na possibilidade de um diálogo enriquecedor entre teologia bíblica e teologia sistemática. A teologia sistemática precisa recorrer à teologia bíblica como a fonte primeira da pesquisa para a composição de seus temas. Precisa também levar a sério algumas críticas e problemas apontados pela teologia bíblica.

Por outro lado, para ser uma verdadeira teologia, a teologia bíblica precisa considerar com seriedade alguns pressupostos defendidos pela teologia sistemática, tais como revelação, inspiração e autoridade das Escrituras. Além disso, a teologia bíblica precisa levar a sério a contemporaneidade e normatividade da mensagem divina presente nas Escrituras, sob pena de se tornar irrelevante ao seu próprio mundo.

Referências

- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã**. Tradução de Israel Belo de Azevedo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CARSON, Donald A. **Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática? Unidade e diversidade no Novo Testamento**. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- DILTHEY, Wilhelm. **O surgimento da hermenêutica**. Tradução de Eduardo Gross. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião. Universidade Federal de Juiz de Fora. v. 2, n. 1, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999. p. 11-32.
- DREHER, Martin N. **A crise e a renovação de igreja no período da Reforma**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1996. (Coleção História da Igreja; v. 3).
- ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- FERREIRA, Franklyn; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: EDUSF, 2005. (Coleção pensamento humano).
- GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Martin Dreher e Ilson Kayser. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002.
- GRONINGEN, Gerard V. **O Progresso da Revelação no Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HASEL, Gerhard F. **Teologia do Novo Testamento: questões fundamentais no debate atual**. Tradução de Jussara Marindir P. S. Arias. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; KRUGER, Michael J. **A heresia da ortodoxia: como o fascínio da cultura contemporânea pela diversidade está transformando nossa visão do cristianismo primitivo**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João**: tradução de Sílvio Scheider e Werner Fuchs. 4. ed. São Paulo: Teológica, 2003.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2003.

- MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento**: Diversos testemunhos, um só Evangelho. Tradução de Sueli da Silva Saraiva e Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- OLSON, Roger E. **História das controvérsias na teologia cristã**: 2000 anos de unidade e diversidade. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Editora Vida, 2004.
- PACKER, J. I. **Teologia Concisa**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã**: uma história do desenvolvimento da doutrina: o surgimento da tradição católica 100-600, volume 1. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.
- REYMOND, Robert L. **Justificação da Teologia como Disciplina Intelectual**. Monergismo. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/teologia/justificacao-teologia-intelectual_reymond.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2016.
- SAYÃO, Luiz. Prefácio. In: CARSON, Donald A. **Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática?** Unidade e diversidade no Novo Testamento. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. Tradução de Jaci Maraschin. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2000.
- VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica Avançada**: Princípios e Processos de Interpretação Bíblica. São Paulo: Vida, 2001.
- WACHHOLZ, Wilhelm. **História e teologia da Reforma**: introdução. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2010.